

As lendas de Erika Verzutti

por Julie Boukobza

Dog, a submissive sculpture waiting by the door (2025)

“Se você me possuir, possuirá todas as coisas, mas sua vida pertencerá a mim.” Esta é a inscrição dirigida a Raphaël de Valentin, o mais novo dono da pele mágica em *A pele de onagro*, romance de Honoré de Balzac. O Hôtel Balzac é o último lugar onde o autor viveu com o amor de sua vida, Madame Hanska. *A pele de onagro* ressoa de forma inquietante com os temas que atravessam esta exposição-em-quarto-de-hotel de Erika Verzutti — a multiplicidade do desejo e as consequências, às vezes fatais, de sua realização. Cena de crime ou cena de sexo, jardim tropical ou parque de esculturas abstratas, relações de dominação ou figuras de liberdade? Como resistir aos impulsos narrativos desta exposição, quando a vontade de contar histórias se infiltra em cada uma das obras de Erika Verzutti criadas para este projeto? Tomemos *Dog, a submissive sculpture waiting by the door (2025)*: este Cérbero obediente, colocado como um peso de porta, é uma forma canina composta arbitrariamente por um melão, uma berinjela e um cacau, moldados em cimento ou bronze. Ele se agacha rente ao chão, segundo a artista, e quase consegue proteger o espaço dos mortos e dos vivos.

Grounded (babygirl) (2025)

Em 1915, o *Quadrado negro* de Malevich foi pendurado no alto, no canto da sala. Como pode essa obra, que um dia ocupou uma posição tão privilegiada na história da arte, dominando através de sua presença autoritária, nos conduzir, por associação, de um canto a outro, até o thriller erótico *Babygirl* (2024)? Duas cenas do filme se desenrolam em quartos de hotel: a primeira, em um hotel decadente, onde as regras sexuais e emocionais do jogo são estabelecidas; a segunda, em um luxuoso, mostrando apenas a vertigem que toma conta dos dois personagens quando finalmente compreendem seus papéis.

Grounded (babygirl) (2025) é uma nova obra da artista, concebida para um canto específico do quarto. “É o primeiro encontro deles, em um quarto de hotel empoeirado. Kidman chega, seu vestido preto traça uma silhueta plana no espaço. Eles conversam; ela parece dividida entre a entrega e o controle. Harris Dickinson está confuso com a raiva dela. Como para instaurar uma pausa, ele a leva até o canto do quarto, de frente para a parede. Pede que ela fique ali por um momento, e ela fica. Meu interesse em submissão e dominação é emocional e desinformado. Então, aquele momento de suspensão me tocou: ela estava à beira de algo, e eu me identifiquei com aquele tremor. É um filme de amar ou odiar.”

Desde o início, Erika Verzutti concebeu as esculturas deste projeto em relação a superfícies que não costumamos encontrar em instituições: o carpete, o colchão, o mármore do banheiro... Desde o princípio, portanto, havia essa ideia de coexistência entre superfícies, mundos e pessoas que normalmente não se cruzariam. É a mesma ideia que prevalece no

filme com Nicole Kidman: uma chefe poderosa cruza caminhos com um jovem estagiário. “*Gosto de manter o ateliê permeável a tudo o que me motiva no momento.*” Esta obra, composta por carambolas e bananas de bronze, é um feito ousado para a artista. Este arco, que pode representar um corpo humano com sua coluna e seus quadris, está sujeito a um equilíbrio precário, como se estivesse prestes a desabar, partir-se ao meio, enfrentar mil perigos — consensuais ou não — dentro de relações que desafiam convenções.

Relaxed painted lady (2025)

O quarto 103 do Hôtel Balzac compartilha apenas um número com a lendária exposição coletiva *Hôtel Carlton Palace / Chambre 763*, organizada por Hans Ulrich Obrist em Paris, em 1993. Ainda assim, ambas compartilham o mesmo desejo fervoroso de fundir arte e vida. *Sculptures last night* revela, dentro do corpo de trabalho de Erika Verzutti, um profundo anseio de subverter convenções — de literalmente levar suas esculturas para a cama. Esta exposição representa um momento suspenso na carreira da artista: “*Os impactos das motivações literais na forma, seguidos pelo impacto da forma nas superfícies, distorcem elementos nessas esculturas que antes eram destinadas à simetria.*” *Relaxed painted lady (2025)* é uma criatura lânguida deitada, composta por romãs, melancias e bananas — frutas irreais moldadas e deformadas à mão. Ela passa sem esforço do vertical ao horizontal, abraçando os contornos do edredom. Faz confidências ao travesseiro, contemplando o teto e o caos organizado ao seu redor após o amor.

Tower of eggs with news (2024)

Esta torre alta e imponente feita de ovos de bronze — um motivo recorrente no trabalho da artista — repousa sobre a cama, embaixo de *Relaxed painted lady*. Mas quantas vezes, na vida, uma escultura consente em ser colocada sob outra? Ela já havia sido exibida em uma mostra de Erika Verzutti no ICA Milano, em 2024. Não contribui para a atmosfera geral de relaxamento do quarto — é, na verdade, seu contraponto. Aqui, é quase preciso esquecer as referências habituais da artista à fertilidade, ainda que isso seja emblemático de sua linguagem escultórica. *Tower of eggs with news (2024)* torna-se a encenqueira, a estraga-prazeres da exposição, que de resto está mergulhada na languidez e na entrega. Como prova, o cubo de resina sobre o qual a escultura deveria repousar — e dentro do qual flutuam pilhas de jornais — caiu no chão. Parece que a peça está se deteriorando diante de nossos olhos. “*O gesto de deitar esculturas que antes eram verticais e estáveis simula a resposta delas às ameaças que estamos atravessando no mundo. Elas podem ter sido depostas, podem estar exaustas, ou descansando — em crise sobre sua relevância.*”

Romana no chuveiro (2025)

Lembramos de certos banheiros lendários, como o do apartamento de Jeanne Lanvin, de 1920, preservado na coleção permanente do Musée des Arts Décoratifs, em Paris — especialmente o piso de mármore Hauteville bege, preto e branco, projetado pelo decorador Armand Albert Rateau. O banheiro do Hôtel Balzac é feito de mármore *almond latte*. *Missionary with splash*, *Jaspera with splash* e *Mug with splash* (2025) — algumas das esculturas de Erika Verzutti apresentadas neste banheiro, particularmente no chuveiro — foram salpicadas de tinta branca, ou parecem à espera de serem molhadas, como *Romana no chuveiro* (2025). “*Eu fantasiei sobre ter algumas esculturas no chuveiro, molhadas pela primeira vez, perturbadas pela água. Além disso, eu queria que elas mantivessem as marcas dessa experiência. Assim, a água se torna tinta, um respingo branco — não sobre as esculturas antigas, mas sobre novas sombras, com suas silhuetas escuras como se vistas através da cortina do chuveiro de Psicose.*”

Breakfast (2025) e A dozen oranges (2025)

Na entrada do quarto 103, uma surpresa nos aguarda no chão. *Breakfast* (2025), uma obra sintomática da linguagem formal de Erika Verzutti, é servida como se fosse uma bandeja de prata: no lugar da bandeja de serviço de quarto, o *club sandwich* torna-se uma mistura audaciosa de ovos e batatas em cerâmica e bronze. Permanecendo no reino mais ou menos terreno da comida, o carpete do quarto está pontuado de laranjas de bronze, feitas e pintadas à mão pela artista. Como as garrafas e latas preciosas em *Sculptures last night*, elas se mantêm firmes, formando pequenos obstáculos que evocam o movimento constante e o caos que reinam no quarto após os banquetes de seus irreverentes hóspedes.

The life of sculptures (2024)

Na televisão do quarto de hotel, *The life of sculptures* (2024) — um filme criado por Erika Verzutti em colaboração com Joana Luz, iniciado em 2017 no Pivô, em São Paulo, e concluído em 2024 na LUMA Arles — é exibido em looping. “*A primeira vez que comecei a atribuir personagens ou a incentivar a autonomia das esculturas foi com esse filme. Levei sete anos lidando com o material filmado até finalmente perceber que precisava excluir tudo o que fosse humano ligado às esculturas. A fotografia da Joana foi essencial para tornar o cenário e a luz propícios à criação de novas silhuetas, novas superfícies, e para expandir a forma como olhamos para as esculturas — começando pela minha própria percepção.*”